



RESUMO

O conjunto de símbolos que existe em um espaço físico pode ser sintomático, fornecendo indícios de significados que auxiliam na leitura tipológica do mesmo. Ao mesclar religião, rituais e morte, esta interpretação pode requerer uma penetrabilidade ainda mais profunda. O presente estudo abarca reflexões incipientes sobre espaços singulares inseridos no Cemitério Campo da Esperança (DF): os cemitérios israelita, islâmico, dos pioneiros de Brasília e de autoridades. Deste modo, pretende-se elaborar um ensaio teórico sobre estas necrópoles segregadas, baseando-se em suas configurações particulares e em seus signos jazentes.

Palavras-chave

Espaços; cemitérios; rituais; semiótica; morte.

A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DA MORTE:
ESPAÇOS SEGREGADOS NO CEMITÉRIO CAMPO DA ESPERANÇA
Leonardo Oliveira | Mestrando pelo PPG-FAU/UnB

INTRODUÇÃO

Ao propor um ensaio teórico sobre espaços cemiteriais, é inevitável que se discorra sobre o tema da morte. Segundo Pacheco (2012), “os antropólogos costumam dizer que, para se falar de cemitérios, é necessário tocar no tema da morte como um acontecimento inerente à espécie humana” (p. 21). Este assunto, no entanto, pode gerar desconforto, sobretudo em países de tradição cristã¹, onde as necrópoles são “consideradas como um universo muito sensível” (Idem, p. 23). A consequência da marginalização da temática no âmbito da arquitetura seria a desumanização dos espaços da morte.

No contexto brasileiro², o costume de se ocultar o tema pode resvalar na arquitetura mortuária e resultar em espaços com lacunas simbólicas. É possível que este problema decorra da falta de interesse de pesquisadores em adentrar o terreno da morte. Entretanto, é importante ressaltar que estes são projetados, sobretudo, para os vivos. É imprescindível a compreensão de como se elabora o entrelaçamento entre rituais funerários, seus espaços e o indivíduo para que seja possível a proposta de uma “configuração da morte”.

Ao estudar o fenômeno da finitude, o ser humano se torna apto a compreender melhor a si mesmo e o próprio fenômeno da vida. Todavia, ao ocultar a morte, o medo de morrer permanece latente. Não

só este, mas também o medo do devir e do desconhecido. Segundo Pascal, o homem está sempre disposto a negar o que não compreende: “é necessário conhecer-se a si mesmo. Ainda quando isso não servisse para encontrar a verdade, pelo menos serve para reger a própria vida, e nada há de mais justo” (PASCAL, 2005, p. 26). Portanto, teria o homem aversão a compreender a si mesmo, ou seja, seu próprio ser?

Ainda inocente, ele [o homem] não viu que esta morte, à qual dirigiu tantos gritos e preces, não era mais que sua própria imagem, seu próprio mito, e que, julgando olhá-la, ele estava fixando o olhar em si mesmo. [...] Portanto, é preciso inverter a ótica, inverter as evidências, procurar a chave onde se pensava estar a fechadura, bater nas portas do homem antes de bater nas portas da morte. É preciso descobrir as paixões profundas do homem diante da morte, considerar o mito em sua humanidade, e considerar o homem como guardião inconsciente

1 Cf. PACHECO (2012), p. 23.

2 Estima-se que, atualmente, os cristãos representem em torno de 86,8% da população brasileira. (Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010).

do segredo. (MORIN [1921], 1997, p. 19).

O HORROR DA MORTE NOS RITOS FUNERÁRIOS CONTEMPORÂNEOS

A atitude humana perante o fenômeno da morte mudou. Segundo Airès (2014), a morte era “domada” outrora e, hoje, é “selvagem”. Em um passado não muito distante, quando o corpo do morto era velado por familiares no interior da própria casa, a morte tornava-se íntima e doméstica, ao passo que nas sociedades contemporâneas procura-se evitá-la, providenciando o rápido desaparecimento do cadáver e muitas vezes ignorando onde estão localizados os cemitérios da cidade (Pacheco, 2012). “Morrer como se nasceu, no leito, deixou de ser uma prática comum na maioria das sociedades ocidentais contemporâneas” (MOTTA, 2009, p. 16). À vista disso, é diligenciada uma espécie de “anulação do acontecimento da morte” (MARANHÃO, 1998, p. 16), onde “imediatamente se põe em prática uma engenhosa operação para fazer desaparecer o corpo o mais rápido possível” (Idem, p. 16).

Numa sociedade como a nossa, completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se dela o menos possível. Os novos costumes exigem que a morte seja o

objeto ausente das conversas educadas. [...] Designando o morrer como algo impessoal e os mortos como coisas, encobre-se o fenômeno. (MARANHÃO, 1998, p. 11).

Deste modo, apreende-se que o indivíduo contemporâneo é, em geral, inclinado a desconsiderar o fenômeno da morte, ou ao menos afastá-lo tanto quanto possível.

A morte, esse processo de cessação dos atos vitais, é uma realidade inexorável, uma conseqüência do nascer e do viver. Em todas as sociedades desperta curiosidade, fascínio e medo. As sociedades modernas [...], ao contrário das antigas, procuram evitá-la, esquecer-la, como se ela não existisse [...] fazendo desaparecer o corpo do morto de uma forma rápida [...] O horror do cadáver em decomposição é uma constante em todas as civilizações. (PACHECO, 2012, p.21).

Embora a autoconsciência seja o fator que distingue o ser humano de outros animais e, “entre os seres vivos, o homem é o único que dá à morte e aos mortos uma atenção especial, consequência do uso da linguagem, geradora de comunicação e cultura” (PACHECO, 2012, p. 28),

as ciências do homem negligenciam sempre a morte. Contentam-se em reconhecer o homem pela ferramenta (homo faber), pelo cérebro (homo sapiens), pela linguagem (homo loquax). No entanto, a espécie humana é a única para a qual a morte está presente ao longo da vida, a única a acompanhar a morte com um ritual funerário, a única a crer na sobrevivência ou no renascimento dos mortos. (MORIN [1921], 1997, p. 13).

Investigações orientadas pelas ciências arqueológicas, mais precisamente pelo ramo da Arqueologia Funerária, indicam que no período pré-histórico os indivíduos já demonstravam preocupação com os mortos, ainda que de maneira discreta (MASSET apud PACHECO, 2012, p. 29). As primeiras manifestações de rituais fúnebres remontam aos períodos Paleolíti-

co Inferior e Médio, quando os cadáveres eram “lançados nos corpos de água ou cobertos por pedras para serem protegidos dos animais carnívoros” (PACHECO, 2012, p. 29). Tais atitudes podem revelar não somente respeito pelos mortos, mas também um intento de afastar a morte.

Uma das primeiras práticas sócio-culturais de que se tem notícia é a ocultação do cadáver como meio de preservar os vivos da decomposição de seus mortos [...] o cadáver é o elemento decisivo e primordial que orienta e regula ritos e papéis funerários humanos, um dos primeiros registros e testemunhos de sua história. [...]

Nas sociedades ocidentais buscou-se sempre preservar ou guardar vestígios dos mortos, seja por meio da construção de túmulos monumentais [...] seja em suas versões contemporâneas, nos cemitérios-jardins ou nos verticais, nos quais apenas se afixa o nome do morto para identificar o local de sepultamento. (MOTTA, 2009, p. 15-16).

A partir disto, poderia se concluir que a transição da morte “domada” à morte “selvagem” representa a ruptura na maneira como o indivíduo contemporâneo lida com o fenômeno da morte e que, por sua vez, ocasionou uma reverberação nas práticas funerárias modernas; segundo Motta (2009), “as formas de enterramento [...] vêm acompanhando mudanças significativas nas relações que os vivos estabelecem com seus mortos [...] preferindo-se submeter a morte e o moribundo [...] longe dos olhos, do que conservá-lo no interior do convívio doméstico” (p. 16).

ESPAÇOS DA MORTE EM BRASÍLIA: O CASO DO CEMITÉRIO CAMPO DA ESPERANÇA

O Campo da Esperança, localizado na extremidade oeste do bairro Asa Sul, em Brasília (DF), é um cemitério horizontal³ do tipo parque ou jardim⁴. A necrópole, que

foi prevista por Lúcio Costa no Relatório do Plano Piloto em 1956, é morfologicamente distinta dos outros cinco espaços cemiteriais existentes no Distrito Federal⁵: seu formato espiralado alude ao infinito, simbolizando uma fusão entre vida e morte em um eterno rodopiar.

3 Cf. resolução do CONAMA, o "cemitério horizontal é aquele localizado em área descoberta compreendendo os tradicionais e o do tipo parque ou jardim."

4 Cf. resolução do CONAMA, "cemitério parque ou jardim é aquele predominantemente recoberto por jardins, isento de construções tumulares, e no qual as sepulturas são identificadas por uma lápide, ao nível do chão, e de pequenas dimensões."

5 Os demais estão localizados nas Regiões Administrativas II (Gama), III (Taguatinga), IV (Brazlândia), V (Sobradinho) e VI (Planaltina).

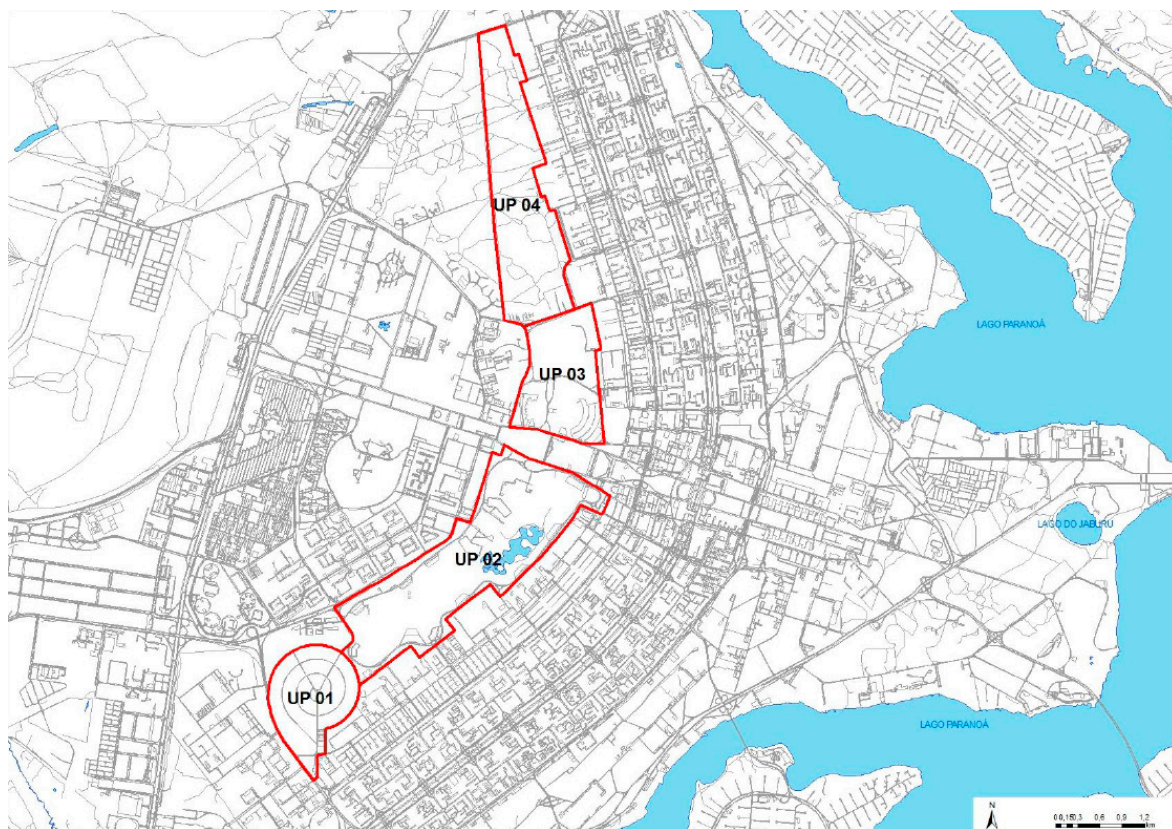


Fig 3 - Localização do Cemitério Campo da Esperança no Plano Piloto: trata-se da UP 01.
Fonte: Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (SEGETH).

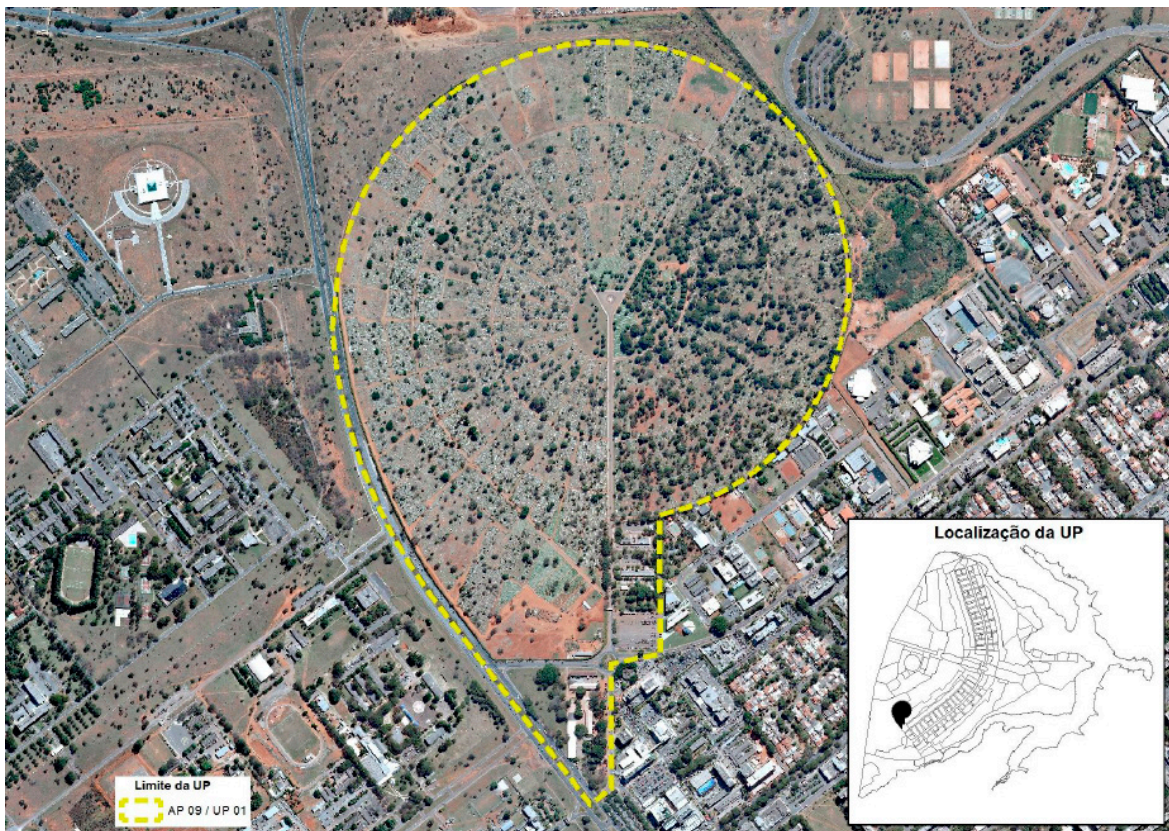


Fig 4 - Implantação do Cemitério Campo da Esperança e seu entorno imediato.
Fonte: Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (SEGETH).

A – ATRIBUTOS DE CONFIGURAÇÃO URBANA:	
TECIDO	
(MALHA / PARCELAMENTO DO SOLO / CHEIOS E VAZIOS)	
Localizado na extremidade oeste da Asa Sul, o Cemitério Campo da Esperança está no Relatório do Plano Piloto (RPP). O projeto é do próprio Lucio Costa, que determinava no RPP a criação de dois cemitérios, um em cada Asa: <i>“terão chão de grama e serão convenientemente arborizados, com sepulturas rasas e lápides singelas, à maneira inglesa, tudo desprovido de qualquer ostentação”</i>. Sua planta se desenvolve a partir de uma via principal em “Y”, de onde parte uma espiral e vias locais radiais.	

Fig 5 - Campo da Esperança: atributos e premissas.
Fonte: Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (SEGETH).

De acordo com Queiroz (2015)⁶, especula-se que o nome do cemitério tenha surgido em uma escrava e benzedeira chamada Dona Esperança. Não obstante a escassez de registros históricos que comprovem a hipótese, já que Esperança teria vivido por volta de 1830, o autor arrisca que a escrava alforriada teria habitado a região onde hoje está localizado o cemitério e apresenta duas versões sobre a personagem: a primeira relata que Esperança teria sido portadora de uma doença infecto contagiosa, a hanseníase, e teria fugido e se instalado na região onde se situa, atualmente, o Plano Piloto de Brasília; a segunda versão narra que, em função da doença, a escrava teria sido alforriada, uma vez que a enfermidade seria tratada com discriminação por seus donos.

Conforme Queiroz, “a crença na história da Esperança tem quase 200 anos. Por se tratar de uma escrava fugitiva, é difícil encontrar registros históricos sobre ela. Antigamente aqui [na região do Plano Piloto] era terra de café e pecuária. Tudo movido por mão de obra escrava. Quando alguém tinha lepra era automaticamente dispensado pelos fazendeiros, até por preconceito com a doença”⁷.

Ainda segundo Queiroz, Esperança, também conhecida como “Benzedeira do

Quilombo”, teria ido a óbito em função da hanseníase e, como consequência, os donos de terras da região não teriam aceitado a inumação de seu corpo nas fazendas locais. Desta maneira, o corpo da escrava teria sido enterrado em uma cova onde atualmente se situa o cemitério.

Segundo a PURP 52 (Planilha de Parâmetros Urbanísticos e de Preservação) de Brasília, Lúcio Costa determinou em 1956, no Relatório do Plano Piloto (RPP), a criação de duas necrópoles na Capital, uma em cada Asa:

19 Os cemitérios localizados nos extremos do eixo rodoviário-residencial evitam aos cortejos a travessia do centro urbano. Terão chão de grama e serão convenientemente arborizados, com sepulturas rasas e lápides singelas, à maneira inglesa, tudo desprovido de qualquer ostentação. (COSTA [1956], 1991, p. 13).

6 Ver entrevista realizada com Hélio Queiroz, autor do livro “1001 Coisas Que Aconteceram Em Brasília e Você Não Sabia”, elaborada pelo Portal de Notícias R7, veiculada em mídia online em 2 de novembro de 2015. Disponível em <<http://noticias.r7.com/distrito-federal>>. Acesso em junho de 2016.

7 Ibidem.

Oscar Niemeyer estipulou em 1956, no edital do Concurso do Plano Piloto de Brasília, uma limitação demográfica de “500.000 habitantes, no máximo”⁸. No ano de 2012, toda a população do Plano Piloto somava 214.529⁹ habitantes. Logo, poderia-se concluir que a implementação de um segundo cemitério em Brasília não seja, ainda, necessária. No que diz respeito à localização geográfica do Campo da Esperança, é possível inferir que esta foi determinada pelo desejo de ocultação do cortejo; havia algo de incongruente ao expor a morte e seus ritos na gênese e progresso da nova Capital.

Além das tradicionais quadras cemiteriais onde jazem “sepulturas rasas e lápides singelas” (COSTA [1956], 1991, p. 13), o Campo da Esperança alberga quatro necrópoles segregadas e distintas entre si: os cemitérios israelita, islâmico, dos pioneiros de Brasília e de autoridades. Estes espaços suscitam indagações em função de suas configurações espaciais e morfologias tumulares diferenciadas.

8 Conforme correspondência enviada por Oscar Niemeyer (então Diretor do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da NOVACAP) a Ary Garcia Roza (então Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil) com informações complementares para o edital do Concurso do Plano Piloto, em 1956.

9 De acordo com Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (Ago. 2012) realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN).



Fig 6 - Planta do Cemitério Campo da Esperança, com destaque para os quatro espaços segregados. Fonte: O autor.

CEMITÉRIO ISRAELITA

No cemitério israelita do Campo da Esperança presentifica-se uma lógica espacial a partir da qual se desencadeará o ritual funerário judaico. De maneira tautócrona, a semiótica da religião jazente no espaço evidencia, de modo fidedigno, a reverência aos preceitos da Torá¹⁰.

Seja qual fôr a doutrina do céu e do inferno, a ênfase central do judaísmo tem sido dada, desde o início, a este mundo. É aqui e não em qualquer outro mundo futuro que o homem tem a possibilidade de decidir e de justificar a sua vida pela escolha do bem. (HERTZBERG, 1964, p. 167).

10 Segundo o Judaísmo, a Tora (ou Torá) é a Lei revelada por Deus e deve ser obedecida por todos os judeus (HERTZBERG, 1964).

Neste local, talvez o aspecto mais notável seja a dissociação espacial do cemitério do restante do Campo da Esperança, que se dá mediante a um muro físico; a separação funciona, na realidade, como uma divisão de universos distintos unidos pela mesma finalidade. Este tipo de segregação é, contudo, uma exigência religiosa.



Fig 7 - Entrada do cemitério israelita, localizado no interior do Campo da Esperança.
Fig 8 - Separação do espaço israelita, concretizada por muro físico. Fonte: O autor.

De acordo com a Torá, o ritual fúnebre deve ser realizado tão breve quanto possível após a morte, uma vez que a postergação do sepultamento representa uma forma de desacato perante o morto. A inumação é a única prática permitida pelo Judaísmo, já que, conforme a doutrina, a cremação estaria associada a rituais pagãos; deste modo, “quando o corpo é sepultado na terra, ele se desintegra lentamente, o que é confortante para a alma. Corpo e alma são entidades que permanecem interligadas após a morte [...] A alma continua em contato com o corpo, mesmo depois do enterro, e ainda compartilha de todas as suas sensações” (VAINSENER, 2008¹¹).

No mundo que há de vir não existirão corpos, mas apenas as almas dos justos [...] A declaração de que terão as suas coroas na cabeça significa que os conhecimentos que eles possuem, razão pela qual ganharam o seu lugar no mundo futuro, também estão presentes nas suas coroas [...] Isso significa que eles sabem por meio da Verdade do Senhor, louvado seja Ele, o que não sabem neste mundo, limitados por um insignificante corpo terreno¹². (HERTZBERG, 1964, p. 167).

31

11 A referência integral da pesquisa de Semira Adler Vainsencher, publicada em mídia online em 29 de maio de 2008 e acessada em outubro de 2016, apresenta-se ao final deste trabalho.

12 “Maimônides, Mishneh Torah, Hilkhos Teshuvah 8.” (HERTZBERG, 1964, p. 203).



Fig 9 - Representação da Torá em pedra, simbolizando a perenidade.
Fonte: O autor.

A *matzeivá*, ou pedra tumular judaica, é outro elemento desta prática funerária que se presentifica no cemitério israelita do Campo da Esperança. A pedra, além de sinalizar uma determinada sepultura, demonstra respeito pelo falecido e representa a perenidade, indicando que este não será esquecido pelos vivos. É usual que o costume de depositar a *matzeivá* sobre o túmulo inicie um ano após o ritual de enterramento.

Alguns meses depois do enterro realiza-se a cerimônia da matzeiva, “descobrimento do túmulo” e inauguração da lápide, ou pedra tumular da sepultura judaica. Nessa cerimônia, o túmulo é coberto com um pano preto, em sinal de luto; reza-se o kaddishe, no final, retira-se o pano.

Com esse ritual, encerra-se o período de luto. As pessoas colocam pedrinhas sobre a sepultura do ente querido, em sinal de resignação com a sua morte. Cabe salientar que o ritual de colocação das pequenas pedras sobre o túmulo é efetuado sempre que se visita as sepulturas, indicando que o morto é lembrado e reverenciado. (VAINSENER, 2008).

Neste espaço cemiterial, há uma censura no que se refere ao modo de morrer: é proibido que suicidas sejam sepultados no cerne do cemitério israelita, sendo que estes devem ser alocados em suas margens, próximas aos muros. Embora o assunto mereça um exame mais profundo, em um primeiro momento este aspecto pode emergir uma problemática relativa à exclusão e marginalização da morte.



Fig 10 - Repositório da matzeivá, a pedra tumular judaica, no cemitério israelita.
Fig 11 - A *matzeivá* depositada sobre um túmulo. Fonte: O autor.

A religião judaica não aceita que se cometa suicídio, caso as pessoas estejam de posse das suas faculdades físicas e mentais (em hebraico, *bedáat*). Os suicidas são sempre enterrados à parte, afastados de todos os túmulos, geralmente próximo a um dos muros do cemitério. (VAINSENER, 2008).

mente, simbolizando a preservação da vida no corpo do indivíduo e a não obliteração dos liames com o falecido.

Dentro da lógica de sepultamento judaica, o elemento água simboliza a vida, de modo que deve-se sempre lavar as mãos ao final de um ritual fúnebre. Ademais, é necessário que estas sequem natural-



Fig 12 - Configuração espacial no interior do cemitério israelita. Fonte: O autor.

Na saída do cemitério há um lavatório, onde os judeus, segundo a tradição, têm que lavar as mãos depois dos sepultamentos (*netilat iadaim*). De acordo com a crença hebréia, ao se lavar as mãos e a água permanecer cristalina, significa que a pessoa não derramou o sangue do falecido. (VAINSENER, 2008).



Fig 13 - Lavatório na área de acesso ao cemitério israelita.
Fonte: O autor.

Por fim, é importante sublinhar que, no cemitério israelita, não há distinção entre mortos; os cadáveres se equiparam uns aos outros diante dos vivos. Baseando-se apenas na estética tumular do espaço, não é possível distinguir o status social de que os falecidos dispunham em vida, uma vez que as sepulturas são, em geral, homogêneas.

Todos os enterros judeus são sempre idênticos. O caixão é feito com um tipo de madeira simples, o mínimo dispendioso possível (em geral, tábuas de pinho, que se deterioram facilmente), forrado com um tecido preto e, na parte superior, é colocada a Estrela de Davi com as iniciais do morto. [...] Nenhum outro adereço, como coroa de flores, velas ou caixões suntuosos, é permitido. Segundo o judaísmo, as pessoas vêm do pó e voltam ao pó. Toda e qualquer ostentação nos funerais é interdita. Como ninguém nasce com adornos, também não pode ser sepultado com eles: precisa partir com a maior simplicidade

possível: Portanto, se, em vida, aquela pessoa era rica, na morte, receberá o mesmo tratamento que a pobre. Dessa maneira, pelo menos na morte, ricos e pobres se igualam. (VAINSENER, 2008).

CEMITÉRIO ISLÂMICO

Conforme o Islã¹³, o cadáver muçulmano deve ser abrigado em um cemitério exclusivamente islâmico, não sendo permitida a inumação de não-muçulmanos neste espaço, do mesmo modo que é vetado o sepultamento de muçulmanos em cemitérios não-islâmicos. Contudo, conforme Adamgy (2012), “o morto deve ser enterrado em cemitério Islâmico, a não ser que isto seja impossível.” (p. 29). O fenômeno da morte é defrontado com naturalidade pelos muçulmanos e, de modo análogo ao cemitério israelita, o islâmico não recomenda ostentações tumultuárias, aconselhando simplicidade em seus espaços.

Death is a natural event for all living things. It comes to every one of us. We will all die. The Qur’ān says: “Everyone shall

have to die.” (3:185). [...] Death brings an end to our temporary life on this earth. It is an occasion of sorrow and grief for the loved ones of the deceased. In Islām, people mourn by reciting the Qur’ān and prayers for the dead. [...] A person is sure to behave well and do as Allāh commands if he remembers death and life after death. (SARWAR, 1996, p. 36).

A morte no ideário muçulmano representa a passagem da vida terrena à eterna, ou seja, a dissociação entre corpo físico e alma; por conseguinte, ao cadáver não são conferidos significados consideráveis, embora a alma perdure atribuída de importância. De acordo com o Islã, longos períodos de luto são coibidos, uma vez que o evento da morte exprime um arbítrio divino e, ademais, pode ser subitâneo.

13 Os termos “Islā” (empregado na língua portuguesa do Brasil), “Islão” (empregado na língua portuguesa de Portugal) e “Islamismo” são equivalentes. Em árabe, grafa-se “مِلّس”, cuja tradução é “Islām”.

Islām asks us to keep in mind that death can arrive at any time. Only Allāh knows when His servants will die. Death puts an end to our human body but it does not destroy our soul. The soul is taken away by the angel Malakul Mawt (‘Izrā’īl or Azrail) to Allāh. (SARWAR, 1996, p. 36).

O ritual post mortem islâmico abarca, basicamente, cinco estágios: 1) a lavagem do morto; 2) o amortalhar do morto; 3) a oração fúnebre; 4) o transporte do ataúde; e 5) o enterro. Tanto quanto a religião judaica, o Islã censura o ato da cremação como práxis funerária.

A prática de lavar o morto antes da inumação simboliza o desígnio de purificação do corpo terreno antes que este adentre a vida eterna: “Malik disse:¹⁴” a lavagem dos mortos não consiste num procedimento exato e taxativo, mas, unicamente, na determinação de que os corpos devem ser lavados e purificados.” (WILLIAMS, 1964, p. 81); ***“In Islām, a dead body is given a wash before it is buried. It is then covered with white sheets and fragrance is spread all over it. A funeral prayer is conducted before burial.***

14 Malik ibn Anas (falecido em 179 D.H./795 D.C.) foi o compilador do Muwatta, um dos mais antigos livros da Lei corânica. “O Muwatta tem sido tão admirado que al-Shafi comentou, certa vez, estar em segundo lugar, pelo seu valor, logo em seguida ao Alcorão.” (WILLIAMS, 1964, p. 81).

This prayer is called Janāzah.” (SARWAR, 1996, p. 37).

Foi-me contado por Yahya, com a autoridade de Malik, que a recebeu de Jafar ibn Maomé e êste de seu pai, que o Mensageiro de Deus que a bênção e a paz de Deus o acompanhem eternamente estava com sua camisa vestida, quando foi lavado. (WILLIAMS, 1964, p. 81).

A doutrina islâmica recomenda que, ao amortalhar o cadáver antes de sepultá-lo, não seja empregado um tecido ostentoso, evidenciando o desapego com aspectos terrenos na conjuntura da morte. Ademais, a mortalha deverá ser constituída por três lençóis brancos, sendo proibido o uso de camisas ou turbantes.

O Mensageiro de Deus foi amortalhado em três mortalias brancas iemenitas, sem camisa nem turbante.

[...] Aisha perguntou: “E por que não esta [mortalha] aqui, em lugar dessa? E Abu Bakr disse: “Não, os vivos têm mais necessidade de novos trajos

do que os mortos, e isso é apenas para embrulhar um cadáver. (WILLIAMS, 1964, p. 82).

A execução da oração fúnebre é um imperativo do Islã, que somente pode ser realizada por um indivíduo muçulmano. Conforme Adamgy (2012), “a pessoa mais apta para orar sobre o defunto é quem quer que o próprio falecido escolhera, desde que ele não seja imoral ou um herético.” (p. 21).

**“Como se reza num funeral?”
Abu Huraira disse: “[...] Primeiro, há a procissão, com a família seguindo o féretro;**



Fig 14 - Cemitério Islâmico no Campo da Esperança.
Fonte: O autor.



Fig 15 - Entrada do cemitério islâmico.
Fonte: O autor.

depois quando é colocado no chão, diz-se “Deus é Supremo!” e O louvamos, e bendizemos o Seu Profeta. Depois, diz-se: “Deus, eis o Teu servo, e o filho do Teu servo, e o filho da Tua comunidade. [...] Ó Deus, se ele foi bom, então acrescenta-lhe em bem-aventurança; e se ele errou, sê misericordioso e que seu erro não seja punido. (WILLIAMS, 1964, p. 83).

Após a morte, o sepultamento islâmico deve ocorrer tão breve quanto possível; “Lavagem e enterramento realizam-se prontamente após a morte, como de costume.” (WILLIAMS, 1964, p. 83); “Abu Bakr e Omar costumavam caminhar atrás do féretro, no que foram seguidos por todos os primeiros califas e por Abdala ibn Omar. [...] ele disse: “Caminhar diante do féretro é uma transgressão (khatá) contra a sunna.” (Idem, p. 82).



Fig 16 - Configuração espacial no interior do cemitério islâmico.
Fonte: O autor.

O cortejo fúnebre deve prosseguir rapidamente, visto que o Profeta ﷺ disse: “Levai o falecido imediatamente, porque se ele foi um bom homem, então vós estais a tomar-lhe as boas coisas, e se ele não foi, então vós diminuireis o infortúnio de vossos ombros tão logo que for possível”. (Al-Bukhari e Muslim) (ADAMGY, 2012, p. 27)

A última etapa do ritual consiste no ato do enterro. Segundo Adamgy (2012),

Em cemitérios muçulmanos, existem dois tipos de sepulturas: Al-Shaqq: uma cova cavada no solo na vertical. Al-Lahed: uma cova cavada no solo na vertical, com um espaço interno na lateral cavado na horizontal e que seja suficientemente grande para cobrir todo o corpo. Ambos

os tipos são utilizados, mas é preferível utilizar o Al Lahed se o solo for firme e consistente. (p. 30).

E, segundo Williams (1964),

Alguns disseram: “Ele devia ser enterrado debaixo do seu púlpito.” Outros disseram: “Sepultai-o no cemitério de al-Baqi.” Então Abu Bakr se adiantou aos demais e disse: “Eu ouvi dizer, certa vez,

“Não existir profeta algum que não seja sepultado no local onde morreu”. (p. 83).

As recomendações que reverberam na estética tumular de um cemitério islâmico são: “a parte superior da sepultura deverá ser elevada uma mão acima do solo, de modo a que seja reconhecida como uma sepultura e os transeuntes tomarão cuidado para não passar por cima dela.”; “não há mal em marcar a sepultura com uma pedra ou coisa semelhante para mostrar que se trata de uma sepultura.”; “é melhor fazer uma superfície convexa a da sepultura do que fazê-la plana.” e “é



Fig 17 - Morfologia tumular no cemitério islâmico.
Fonte: O autor.

proibido construir qualquer estrutura sobre a sepultura, ou cobrir com emplastro, uma vez que isto era uma prática pré-islâmica.” (ADAMGY, 2012, p. 33).

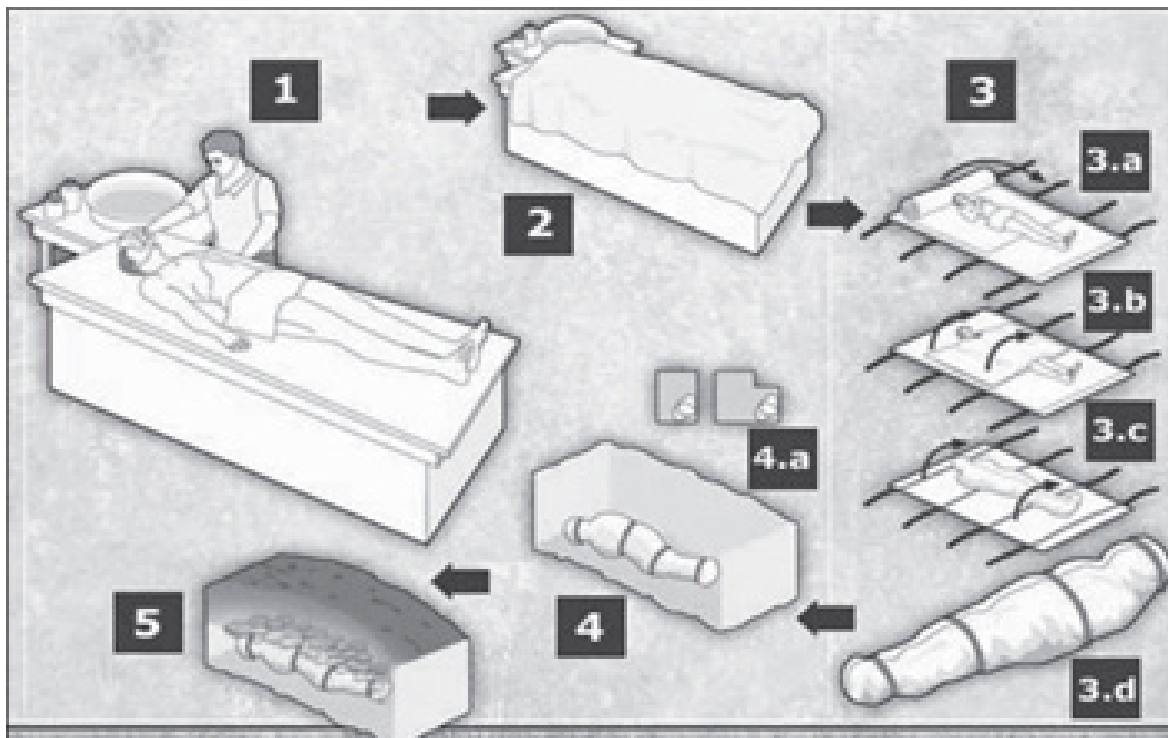


Fig 18 - Etapas de um ritual fúnebre muçulmano: lavagem, amortalhamento e enterro. Fonte: ADAMGY, 2012, p. 36–37.

Conforme Adamgy (2012), “segundo a Sunnah, deve ser feito um nicho na parede lateral da sepultura como foi feito na sepultura do Profeta ﷺ. Este nicho é uma concavidade, qual é um abrigo escavado no fundo da cova, no lado da parede que está voltada para a Kaaba, aonde o defunto será colocado.” (p. 29) e, conforme Williams (1964), “virtualmente, todas as sepulturas muçulmanas apresentam êsse rebordo nos lados.” (p. 84).

Foi-me contado, por Malik, de Hisham Benurwa, que seu pai disse: “Havia dois homens em Medina que abriam sepulturas; um deles costumava abrir um nicho para o corpo, no fundo da sepultura [...] Chegou primeiro o coveiro que fazia as sepulturas com

niche no fundo e assim foi feito o enterramento.” (Idem, p. 84).

CEMITÉRIO DOS PIONEIROS DE BRASÍLIA E DE AUTORIDADES

De maneira concomitante às necrópoles israelita e islâmica, há no Campo da Esperança outros dois cemitérios que segregam-se não por aspectos religiosos, mas por marcadores sociais. São espaços exclusivos, que se restringem à inumação dos pioneiros de Brasília, autoridades e outros personagens que obtiveram destaque na história da Capital. Observa-se, nestes cemitérios, uma configuração espacial e morfologia tumular distintas, ademais do esmero com o qual são mantidos. Do mesmo modo, é importante observar que ambos os espaços estão localizados no centro da planta geral do Cemitério, conferindo a estes um lugar de proeminência.

A celebração da distinção na morte teve sua origem nos cemitérios oitocentistas brasileiros, que começaram a surgir a partir de 1850 após a transferência de ritos fúnebres dos espaços eclesiásticos aos novos espaços da morte. Conforme aponta Motta (2009), houve “a proibição de enterramentos nas igrejas e fossas comuns, transferindo tal função para os novos espaços cemiteriais edificadas fora das cidades” (p. 62).

Em seguida a esta medida, algumas necrópoles passaram a se destacar pelo luxo e ostentação de seus mausoléus,

como, por exemplo, os cemitérios da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (1850), de Santo Amaro e de São Francisco Xavier (1851), de São João Batista (1852), da Senhora da Soledade (1853), do Campo Santo (1855), da Consolação (1856), da Ordem III de N. S. do Carmo (1857), da Ordem III de S. Francisco da Penitência (1858) e de Nossa de Santa Isabel (1870).

Em contraposição, coexistia com os cemitérios da elite as valas comuns, destinadas às camadas economicamente desprovidas da população; se, nas necrópoles do Império, morria-se com distinção, nas valas comuns morria-se anonimamente. Segundo Motta (2009), nos espaços da morte burgueses “o que realmente interessava não era sepultar um corpo qualquer, mas cultivar formas diferenciadas de sepultamento, com marcadores sociais distintos que pudessem promover e dignificar a memória do morto” (p. 66), sinalizando a cobiça da Aristocracia pela distinção “tanto na vida quanto na morte” (Idem, p. 66).

No caso do Campo da Esperança, um cemitério situado em um bairro de classe média alta de Brasília, observa-se uma estratificação social que se evidencia pelo espaço das autoridades em oposição às quadras de seu entorno imediato, uma disparidade que é igualmente conspícua no cemitério dos pioneiros.



Fig 19 - Jazigo da família Kubitschek no cemitério de autoridades do Campo da Esperança. Fonte: O autor.

CONSIDERAÇÕES

O espaço físico é um possibilitador de experiências, onde se desenrolam narrativas e emanam vivências humanas. Tal afirmação pode soar incongruente ao se tratar de espaços da morte, entretanto é importante salientar que estas espacialidades são experienciadas pelos vivos, uma vez que, em meio ao silêncio, evocam memórias daqueles que morreram e “ali jazem em diálogo com os vivos”¹⁵ (MOTTA, 2009, p. 9).

Os lugares dos mortos são espaços introspectivos, que instigam uma autorreflexão sobre a própria finitude, já que ponderar sobre este acontecimento e experienciar a morte de outrem traz à consciência a austeridade deste fenômeno, o qual Motta (2009) metaforizou sob a alcunha de “uma extrema ruptura” (p. 25).

Enquanto que, no caso dos cemitérios is-



Fig 20 - Cemitério dos pioneiros de Brasília. Fonte: O autor.

raelita e islâmico, é exigida a dissociação física de seus espaços em função da religião, ao analisar os outros dois cemitérios segregados no Campo da Esperança, suscitam-se as seguintes problemáticas: 1) Seriam estes espaços somente separados ou também privilegiados? 2) Haveria, nestas espacialidades, reminiscências dos cemitérios oitocentistas brasileiros, os quais foram respaldados por um desejo de distinção entre classes sociais?

¹⁵ Ver prefácio do livro de Antonio Motta (2009), escrito por Kátia Queirós Mattoso.

Por fim, é possível concluir que, em vista de aspectos religiosos, o Campo da Esperança configura um espaço democrático, já que abarca cemitérios segregados que respeitam as premissas de cada doutrina. Contudo, no cemitério das autoridades, verifica-se a “importância civil da morte, realçando o papel social dos túmulos, sua função moral como monumento à glorificação de mortos ilustres”¹⁶ (MOTTA, 2009, p. 62) e a “exaltação ao individualismo e distinção tumular” (Idem, p. 62). Não obstante,

a morte [...] é transclassista. Diante dela todos os homens se igualam: sua foice é desferida indiscriminadamente, sem levar em consideração o status daqueles a quem escolhe. [...] Relativizando todas as condições sociais, a morte nos mostra a absoluta igualdade entre os homens, nivelando-os ao mesmo destino. (MARANHÃO, 1998, p. 20-21).

16 Cf. MOTTA (2009) sobre o poema do pré-romântico Ugo Foscolo, traduzido pelo médico Luiz Vicente De Simoni (1842) em publicação que reúne traduções livres de autores italianos da transição entre os séculos XVIII e XIX.

BIBLIOGRAFIA

ADAMGY, M. Y. M. [2012]. Regras do funeral islâmico. São Bernardo do Campo, São Paulo: Editora Makkah, 2012. 39 p.

ARIÈS, P. [1977]. O homem diante da morte. Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 837 p.

BELLO, A. A. Introdução à fenomenologia. Tradução de Ir. Jacinta Turolo e Miguel Mahfoud. São Paulo: Edusc, 2006. 108 p. (Coleção Filosofia e Política)

BOURDIEU, P. [1979]. A Distinção: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2011. 560 p.

COSTA, L. [1956]. Relatório do Plano Piloto de Brasília. Elaborado pelo ArPDF, CODEPLAN, DePHA. Brasília: GDF, 1991. 76 p.

COUTINHO, E. [1977]. O espaço da arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. 239 p. (Coleção Estudos)

GADAMER, H-G. Hermenêutica da obra de arte. Seleção e tradução: Marco Antonio Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. 487 p.

–HEIDEGGER, M. [1927]. Ser e Tempo. Tradução de Fausto Castilho. São Paulo: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Vozes, 2012. 1.200 p. (Coleção Multilíngues de Filosofia Unicamp)

HERTZBERG, A. [1961]. Judaísmo.

Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964. 204 p.

KELLEHEAR, A. [2016]. Uma história social do morrer. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016. 540 p.

LAUWERS, M. [2015]. O nascimento do cemitério: Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval. Tradução de Robson Murilo Grando Della Torre. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2015. 400 p.

MARANHÃO, J. L. de S. [1985]. O que é morte. São Paulo: Brasiliense, 1998. 77 p. (Coleção primeiros passos, 150)

MASSET, C. "La Mort Aux Periods Préhistoriques (-1000 à 750)". Em Archéologie funéraire. Paris: Editions Errance, 2007.

MORIN, E. [1921] O homem e a morte. Tradução de Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro : Imago, 1997. 356 p. (Série Diversos)

MOTTA, A. [2009]. À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Prefácio de Kátia de Queirós Mattoso. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009. 202 p.

NÖTH, W. A semiótica no século XX. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 1996. 265 p. (Coleção E; 5)

PACHECO, A. [2012]. Meio ambiente &

Cemitérios. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012. 191 p. (Série Meio Ambiente, 15)

PASCAL, B. Pensamentos. Tradução de Mário Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 441 p. (Coleção Paidéia)

SARWAR, G. [1980]. Islâm: beliefs and teachings. 4ª ed. Londres: Muslim Ed Trust, 1996. 236 p.

SCHMITT, J-C. [1994]. Os vivos e os mortos na sociedade medieval. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 300 p.

WILLIAMS, J. A. [1961]. Islamismo. Tradução e notas de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1964. 196 p.

ZUCHIWSCHI, J. [1992]. Agora e na hora de nossa morte: Por uma interpretação simbólica do espaço funerário da São Paulo contemporânea. 1992. 195 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.

_____. [1998]. De Corpo e Alma: A dualidade no pensamento religioso judaico e sua implicação nas práticas funerárias. 1998. 213 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.

_____. [2010]. Longe de ti apagar nossas lembranças: as palavras e as preces no luto judaico. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 1, p. 165–

187, jul. 2010. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em out. 2016.

OUTRAS FONTES DE PESQUISA

Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (SEGETH). Planilha de parâmetros urbanísticos e de preservação do Cemitério Campo da Esperança. 5 p.

CONAMA. Sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. Resolução nº 335, de 3 de abril de 2003. Publicada no DOU no 101, de 28 de maio de 2003, Seção 1, páginas 98-99. 5 p.

Esperança, escrava e benzedeira, dá nome ao principal cemitério de Brasília: Família Kubitschek e outras personalidades estão sepultadas no Campo da Esperança. Portal de notícias R7. 2 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/distrito-federal>>. Acesso em: junho de 2016.

MELCHIOR, S. O. Lenda do Campo da Esperança. Portal Educacional. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/especiais/brasil>>. Acesso em: outubro de 2016.

VAINSENER, S. A. Enterro judeu. Pesquisa Escolar Online. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 29 de maio de 2008. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: outubro de 2016.